

## O TRATADO DO ZAIRE

Filhos de Portugal! Ó meus compatriotas!  
Tendes no forte braço o estyga dos ilotas,  
No braço que logrou encher de assombro a terra!  
Não sois amigos, não! mas servos da Inglaterra!  
Se amaes a patria exangue e amaes a liberdade,  
Esquecei das facções a feia inimidade!  
Fidalgos ou plebeus, sinceros monarchistas,  
Democratas leaes, ardentes socialistas,  
N'uma explosão de amor, de colera titanica,  
Unidos combatei a sordidez britannica.

(Da Delenda Albion por Lusus.)



John Bull: — Faço-te mercê d'este cofre; guarda-o, cuida d'elle, trata-o, sacode-lhe o pó, livra-o do caruncho e limpa-o com esmero, mas só por fóra...

Zé Povinho: — E então a chave?

John Bull: — A chave vou eu guardal-a no fundo do bahu para quando o quizer limpar por dentro...



## AO PUBLICO

A começar do proximo numero, o *Antonio Maria*, para de certa forma corresponder ao favor do publico, será impresso em um novo typo de papel, muito melhor e muito mais proprio para fazer realçar este genero de trabalho.



## A SEMANA

S. Paulo, S. Lourenço, S. Mamede, S. Domingos, S. Christim e todos os demais santos oragos das freguezias de Lisboa, teem, nas ultimas semanas, sido extraordinariamente concorridos e festejados, o que aliás não deve mover a espanto nos tempos de quaresma que vamos atravessando.

Mas o certo é que, a despeito das inclinações carolas do indigena, o santo verdadeiramente concorrido e festejado nos ultimos dias tem sido *S. Carlos*.

Depois da *Lauriana*, um milagre que tem attrahido mais fieis de que em tempo attrahiu o caso da Nazareth e a quem está, como a este, reservado na posteridade um lugar distincto nas ephemerides das folhinhas e nas paredes de azulejo, seguiu-se o beneficio dos *Albergues Nocturnos*, outro milagre em nada inferior ao que tornou immortalmente empalhado e celebre o decantado lagarto da Penha...

Foi o que se chama uma festa brilhante, ou talvez, com mais propriedade, uma festa de brilhantes, se attendermos em que cada cabeça e cada colo femininos pareciam outras tantas succursaes da *montre* do Leitão — para não estarmos a fazer mais reclame á loja do 103...

\*  
\*  
\*

Tudo concorreu para o effeito singular e deslumbrante d'aquelle bello espectáculo. A iniciativa caridosa e larga d'um rei que até chegou a parecer que o não era; a generosa coadjuvação de alta burguezia, que não vacillou em alargar uma vez os cordões á bolsa, contanto que recebesse em troca a ventura ineffável de contemplar a familia no theatro de S. Carlos e o seu nome no *Diario de Noticias*.

Da execução dos artistas nada diremos além d'um applauso sincero, por entre este humor de galhofa, e assim lisonjamos mais, supponmos nós, o seu trabalho altamente valioso e altamente desinteressado de que sem questão lh'o lisongeou o *douche* de veneras que sua magestade entendeu descarregar sobre as suas laureadas *boutonières*...

Este habito que el-rei tem, de carregar de habitos as sobrecasacas de quem toma parte nas festas que lhe dão no gotto é um habito detestavel e de que se torna necessario corrigir-se. As duas por trez a monomania póde entender-se a todos que concorrem áquellas festas, sem exclusão dos espectadores do *paraizo*, e nós, como muita gente, não queremos arriscar-nos a trazer para casa o habito de Christo ou o de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, para pagarmos mais sessenta mil réis de direitos de mercê, além dos cobres dispendidos na noite do espectáculo...

Verdade seja que sua magestade resolveu, segundo dizem, fazer presente d'aquellas venéras sem o menor onus, pagando do seu bolsinho o respectivo encarte. Mas, n'este caso, torna-se o dito caso ainda mais extravagante... Pois o Ivens, o Brito Capello e o Serpa Pinto tiveram de pagar direitos á fazenda, das commendas com que foram agraciados pela sua travessia de Africa, e o tenor Ortisi, e os outros, recebem o habito de mão beijada porque cantaram uma aria ou fizeram soar o violino no palco de S. Carlos!!! Co'os diabos! mas então é muito mais notavel e muito mais perigoso atravessar a caixa do theatro lyrico desde o pano de fundo até ao cubiculo do ponto, do que atravessar os sertões africanos desde Angola até ás terras de Iacca!...

\*  
\*  
\*

No que respeita a literatura, a festa em beneficio dos *Albergues Nocturnos* teve, como dissemos, o que ha de melhor n'este genero entre nós, ó portuguezes. Uma cançoneta de Eduardo Garrido, cantada por Taborda, e umas poesias de Fernando Caldeira e de Thomaz Ribeiro, recitadas por João Rosa e por Brazão.

Em quanto á cançoneta nem queremos pensar n'ella com medo de que a gargalhada estoirando-nos nervosa nos impossibilite das voltas que temos a dar — visto como não trazemos suspensorios. — Ajuize o leitor que foi escripta por Garrido e executada por Taborda e diga-nos se não basta isso para o fazer rebentar de riso...

Os versos de Fernando Caldeira, o inimitavel poeta da *Mantilha de Renda* e das *Nadadoras*, são vinte ou trinta estrophes ternissimas, suavissimas, dulcissimas, — sobre tudo dulcissimas...

•Dorme a princeza doce... docemente...•

Este verso repete-se de tres em tres minutos, de fôrma que, escutando-o de olhos fechados, chega uma pessoa a persuadir-se de que está saboreando um quarto de marmelada ou uma talhadinha de abobora coberta... De resto, a rima sempre elegante e natural e a idéa sempre original e delicada, como em todas as produções do mimoso poeta, que, se metteu tantas *doçuras* n'esta poesia, foi para provar a sua largueza de animo, no momento precisamente em que os negociantes de assucar estão em grêve e aquelle genero ameaça subir consideravelmente no mercado...

A poesia do sr. Thomaz Ribeiro é que, verdade, verdade, não nos pareceu lá grande coisa. Depois do *D. Jayme* e da *Judia*, aquelles versos chegam a afigurar-se-nos um desastre; e a coisa explica-se em parte. S. ex.<sup>a</sup> ha muito que não fazia uso da lyra, tendo-a até deixado por esque-



cimento no ministerio do reino quando abandonou a pasta de ministro. Convidado por sua magestade a escrever essa poesia, o sr. Thomaz Ribeiro correu presuroso ao ministerio e começou a procurar a lyra entre os papeis da secretaria; achando uma, que julgou ser a sua, afinou-lhe as cordas e a lyra poz-se a rimar suavemente:

Pois que a tocar me aguilhões,  
Da musa voltando á lide,  
Eu vou fazer-te umas lóas  
P'ra o cyrio de Carnaxide...

.....  
Chegou-lhe a mostarda á venta?  
«Arde-lhe? ardeu-lhe? — É pimenta...»

O sr. Thomaz Ribeiro atirou com o instrumento para cascos de rolhas; era a lyra de Francisco Palha!...

D'ahi, s. ex.<sup>a</sup> dirigiu-se ao archivo do ministerio, para onde o dr. Guilherme Celestino entrou aos quarenta annos e onde tem trabalhado cerca de trinta e cinco, conseguindo afinal transformar aquelle antigo cahos n'um verdadeiro jardim dos archivós á beira mar plantado. O Guilherme Celestino, depois de consultar o livro index e o massô dos verbetes, foi á prateleira n.<sup>o</sup> 5, fila 18, caixa B, e de lá trouxe, cuidadosamente embrulhada em papel de seda côr de violeta, a lyra que fôra confiada á sua guarda como vinda do gabinete do ministerio.

Acreditamos piamente na boa fé do Guilherme Celestino, mas desconfiamos muito de que a lyra do sr. Thomaz Ribeiro, no caminho do gabinete para o archivo do ministerio, fosse trocada pela do sr. Florencio Ferreira...

PAN.

#### THEATRO DO PRINCIPE REAL

É amanhã, 14, a festa artistica de Aurora de Freitas, a elegante *Princesa dos cabellos d'ouro* que, se nas coplas que nos canta carregando no r não é propriamente uma sereia, vale no resto bem duas sereias porque este peixe, segundo dizem, só era formoso da cintura para cima e Aurora de Freitas não tem demarcação em formosura.



O sr. Ferreira Braga veio á imprensa, em nome dos músicos portuguezes, protestar contra o que ha mais de um anno escrevemos no *Antonio Maria*, fallando do bom acolhimento obtido em Marselha pela opera *Lauriana*. O protesto nem por ser extremamente serodio perde nada do seu merecimento e por isso lhe damos a devida resposta. Como não sabemos em que tabellião se lavrou a procuração que constitue o sr. Ferreira Braga Magriço procurador da arte nacional, cabe-nos pôr em duvida a authenticidade d'esse documento e lembrar áquelle sr. que se s. s.<sup>a</sup> afinou, na sua qualidade de maestro, com a nossa local, não fomos nós que lhe puzemos a carapuça...

Quando o *Antonio Maria* mandou buscar o seu bilhete de geral para a recita a favor dos *Albergues Nocturnos*, foi-lhe dito que já não havia logares de plateia e que, se quizesse, fosse para as varandas. O *Antonio Maria* foi, mas, com o calor que estava n'aquelle ponto, teve o desgosto de ver cair do seu lado, assado entre dois pedaços de carne, como um *filet Chateaubriand*, o senhor *Costa api-*



ta, que desabou sobre um *capoeira* disfarçado em senhora que estava na plateia e que, apesar do natural appetite despertado pelo adiantado da hora, se não atreveu a comer o referido *filet* por não lhe parecer muito limpo.



Consta que vae ser dado o habito da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito a todas as pessoas que se achavam portas a dentro do theatro de S. Carlos na noite do beneficio dos *Albergues Nocturnos*, incluindo o Napoleão e o Menino Gordo: é um acto de justiça que applaudimos com mãos e pés.

#### O DISCURSO DA SEMANA

O discurso do deputado Fuschini foi dos mais notaveis e vigorosos que se tem pronunciado nas recentes sessões parlamentares. Fallando de Fuschini, o que de mais agradável lhe podemos dizer é recitar-lhe um trecho da sua biographia escripta pelo nosso espirituoso collega *Justus da Democracia*.

Eil-o:



«E' um rapaz alto, o que é já bonito, e elevado, o que é já formoso, n'este tempo de baixos pigmeus que por toda a parte rastejam e se escoam. E' um exemplar raro da especie de deputados que estudam as questões; sabe dizer, mas sabe melhor o que diz. Tem palavra e tem gesto; a palavra é clara; o gesto é viril, o que não quer dizer que a palavra seja garrida e que o gesto seja demosthenico.

S. ex.<sup>a</sup> é novo, não o diz a experiencia que revela e o sizo que sustenta; dil-o a frescura da sua tez e o modernismo das suas opiniões.

De exquisito só tem duas cousas — o nome e a cara. O nome lembra qualquer tenor do theatro italiano, e a cara um pae bonito a fazer caretas aos filhos brincalhões, e que bem sabem que por baixo d'aquellas *grimaces* voluntarias está a maior de todas as bellezas em frontes varonis — o traço da sympathia.»



# THEATRO DE S. CARLOS. RECITA EM BENEFICIO DOS ALBERGUES NOCTURNOS



Associamo-nos de todo o coração a esta esplendida festa, como nos associamos sempre a tudo que é bom, e generoso, sem cuidarmos sequer de indagar-lhe a proveniencia. Tanto mais, que o *Albergue Nocturno* re-  
 senta para nós uma especie de seguro de vida e o pão da velhice garantido — durante a noite.



## NO PAIZ DO SYNDICATO

«A coisa que anda no ar» é que não é sempre a mesma coisa; porque mesmo o «ar» n'estes casos é a clara-boia humana, por onde passam diariamente mil confusões, cavalgando sombras, a que geralmente e com pouca verdade se dá o nome de ideias. A coisa varia com os tempos, com as estações, com os ventos. Umas vezes é a *hydra* da revolução. Os governadores civis são avisados da gravidade das circumstancias politicas. Chama-se a sua atenção para os estrangeiros e para os vagabundos. São lidos os artigos dos jornaes avançados. Ha uma grande fiscalisação nas barreiras, com notavel prejuizo para o contrabando dos salpicões. Depois a «coisa» varia como a mulher. É uma questão d'arte, suscitada por qualquer artigo do sr. Manuel Maria Rodrigues, que é como quem diz o Louis Énault do paiz das tripas. As eleições municipaes, a pericia escamoteadora do dr. Chaves, o Ferreira da Barbaria, o sr. Correia de Barros e o muro da circumvalação, o porto de Leixões, o aeronauta Castanet, tudo isto foram coisas que, a seu tempo andaram no ar, quando a verdade é que só o ultimo tem por lá passeado como a gente de bom tom passeia pela avenida do Palacio de Crystal, como o amor fardado passeia ao redor dos patos da Cordoaria. Actualmente a «coisa» que anda no ar é o duello. A capital está introduzindo a moda na provincia, como introduz os discursos do sr. Fontes. Não que tenha havido verdadeiros duellos, a ferro e sangue — Deus nos livre d'isso! — mas não se falla n'outra coisa; o Paulo Lauret tem recebido innumeras consultas de Braga, de Vianna, de Pezo da Regoa, de Mirandella. «Caro mestre. Fui insultado agora por um barbeiro que nas horas vagas escreve para o jornal cá da terra. Para que arma o hei de desafiar?» O proprietario do *Gymnasio hygienico*, consulta os tratados de hygiene mais considerados e responde com a mesma concisão: «Cuidado com as navalhas de barba. Dois pontapés e a honra ficará salva.»

A gente vae a passar, de noite, por uma rua e não ouve outra coisa que não seja um afiar terrivel de espadas. Este arruido confunde-se, por vezes, com o amolar de dentes nos restaurantes e com as facas dos cosinheiros na lousa das bancas. O amor pelo sangue, aqui, é todo pelo sarrabulho. Os mais susceptiveis em pontos de honra emudecem e acalmam-se diante de uma boa terrina de papas. Mas no Porto, nós temos calmantes de sobra para as irascibilidades mais furiosas.

Se o colerico resistir a uma duzia de douches descendentes e ascendentes, principalmente ascendentes, applicados no estabelecimento hydrotherapico do Hotel do Porto, succumbirá a um discurso de *abertura*, pronunciado pelo dr. Ayres de Gouveia. Tambem são muito recommendaveis os passeios em carros americanos, os artigos litterarios de Manuel Bernardes Branco, os artigos politicos do sr. Florido de Vasconcellos e uma partida de xadrez jogada com o Franchini.

No campo artistico, estão provando muito bem os córos do Orphéon, as sessões de musica de camara, os quadros do visconde da Trindade e as árias de M. Léon Flamant, em noite de beneficio. Ora submettam os exaltados a qualquer d'estes regimens therapeuticos, submettam-os gradualmente a uma progressão sabia de soporiferos e verão se o duello não passa immediatamente de moda, como a carne no colo das mulheres.

O diabo é que eu com estas linhas singelas estou a arranjar, com toda a certeza, diversos reptos endiabrados. Ha sujeito que nunca comprou um par de luvas que não deixa de ir immediatamente á Bonifacia para me mandar a sua luva côr de pelle de rato.

De todos quantos citei, os mais temiveis são os da arte musical. Julio Cesar Machado disse uma vez: «intolerante, como um musico...» Nunca se avançou uma verdade mais incontestavel; mas agora o caso ainda se aggrava mais com o furor de classicismo que vae ahi pela rua do Laranjal, salvo seja.

Graças a Miguel Angelo, a Nicolau Ribas, a Moreira de Sá, a Marques Pinto, a Cyriaco de Cardoso, a musica no Porto só se vende como os vinhos, pelas teias de aranha. Trecho musical que não tenha pelo menos um seculo, é como garrafa do Alto Douro que não seja da mais velha novidade das adegas da companhia. As ocarinas, as guitarras, o copophone do sr. Benjamim, o bandolim do sr. Nicolau d'Almeida, todas essas bellas coisas que ha meia duzia d'annos arrancaram os mais fundos enthusiasmos do ventre das nossas platéas, morreram para sempre, como as rosas de Malherbe, sem ao menos terem feito á musica o bello serviço que estas fizeram á arte das metaphoras.

A monomania musical, como o Canuto, vae seguindo para o norte; é uma especie de *Jeannette* á busca da passagem do nordeste. Acompanha a politica desde a queda do imperio tintamarresco. A diplomacia foi para Berlim, a sciencia para Bouse, o commercio para Hamburgo; a arte musical foi para a Russia. Quanto mais boreal é a opera, mais admirações surdas arranca. Nós, que fizemos a nossa historia caminhando para o sul, para as terras alagadas de sol e orquestradas por todo o chilrear das aves formosissimas, queremos dar-nos uns grandes ares sabios, normandigando-nos, e, tremulos de frio, cobertos de neve, assustados por aquellas horrixeis tempestades negras que nunca vimos em toda a epopeia da nossa jornada da India, vamos tocar violoncello nas ruas de S. Petersburgo, emquanto o operario famulento escreve, sobre a alvura da planicie, a traços de sangue, o terrivel anathema — *Nihil!*

Imagine, pois, Raphael, quanta santa indignação eu não estou despertando com a *audacia* da minha chronica! Os senhores musicos vão ficar exasperados comigo, que os adoro, que os admiro pasmadamente, sobretudo quando os ouço por intermedio do cornetim do sr. Santos, ou pelo piano do sr. Xisto. Bem sei que o Bernardo Moreira de Sá, que é o mais letrado em coisas de solfa, pôde descarregar sobre a minha cabeça todo um mundo de erudição para me convencer da excellencia da musica russa; mas eu sou teimoso, como um portuguez; insisto, affirmo que, sendo a musica a traducção espirital de ideias e de sentimentos, essa traducção só pôde ser boa para mim quando for feita para vulgar. Os pensamentos musicas teem de ser vibrações da alma dos povos, e eu continuo cada vez mais convencido de que Tschaikowsky comprehende muito menos o sentimentalismo peninsular, que é aquelle que me domina a mim, a ti, a nós, do que o primeiro faia, zurzindo tremulamente nas cordas da sua guitarra.

E agora, illustres musicos de camara e illustrissima corporação orpheonica, podem mandar-me os seus cartões de desafio. Se o meu sangue é necessario para o glorioso anniversario de Beethoven, eu promptamente vol-o offereço, já que é sangue a «coisa» que anda no ar; mas não levem — pelo ceo e pelo inferno, lhes imploro! — mas não levem a sua vingança contra mim até ao cumulo de virem tocar debaixo das janellas do meu quarto, uma «imitação» de Tschaikowsky!

JOÃO BRÔA.



## O CANAPÉ DE D. FUAS

(CONTO PARA CRIANÇAS)

D. Fuas, (sem ser Roupinho)  
Fidalgo de esperta labia,  
Senhor da Persia e da Arabia.  
Ethiopia, China e Guiné,  
Além d'um sceptro, uma c'roa,  
D'um solio e d'um regio manto.  
Tinha em casa, posto ao canto,  
Um vetusto canapé.

Mas quem diz lá que o fidalgo  
Sobre tal movel descance,  
Quer p'ra ler qualquer romance.  
Ou tomar o seu café?!

— Se bem que pareça incrível,  
Tinha, com pasmo do mundo,  
O desprezo mais profundo  
P'lo mis'ro do canapé!

D'essa fidalga indiff'rença  
Um dia corre a noticia  
Desde os confins da Phenicia  
Até ao Caes do Sodré...  
E a visinhança, os do sitio.  
Do canapé invejosos,  
Deitam olhos cubiçosos  
P'ra cima do canapé...

Tempos depois, toda a gente,  
Sem grande esforço ou fadiga,  
P'ra tomar posse á formiga  
Do movel acha lolé.  
D. Fuas sempre indiff'rente,  
Té que um dia vê pasmado  
Meio mundo estatelado  
Sobre o velho canapé!...

O pobre movel, coitado,  
Se bem que dos mais valentes,  
Co'aquella invasão de gentes  
Soffreu tractos-de polé;  
Com razão gemia o triste,  
Que, apesar de rijo e teso,  
Era o mundo quasi em peso  
Carregando o canapé...

D. Fuas, enfim, se insurge  
Co'essa invasão quasi á força,  
E dando pulo de corça  
Grita, chia, faz banzé;  
E puxa p'los seus direitos,  
E berra em altos latidos  
Desde tempos esquecidos  
Ser só d'elle o canapé.

— Isto ser de voc'mecê?  
*Very well! yes!* concordo..  
(Responde um sujeito gordo.  
Que D. Fuas tinha ao pé)  
— Mas se fidalgo pretende  
Ser seu quanto tem por cá,  
P'ra que deixa ao Deus dar  
Andar sempre o canapé?...



— Ora, *my dear* D. Fuas.  
Ter seu direito arrogante.  
Mas levar tempo bastante  
P'ra lhe chegar a ralé...  
Deite fóra pergaminhos  
De herança de seus avós,  
Que ficar de todos nós  
Este podre canapé...

— Fica a D. Fuas direitos:  
Não mais levantar a grimpa.  
Trazer sempre estofa limpa,  
P'ra não levar pontapé...  
Nós dormiremos em cima;  
D. Fuas póde — co'a breca! —  
Vir dormir o seu somneca...  
Debaixo do canapé...

Talvez não traga desaire  
O tal tratado... mas é  
Que o bom negocio do Zaire  
Faz lembrar o canapé...

PAN.



Assistimos ante-hontem á procissão dos Passos... feita pelo Lamas na rua Larga de S. Roque. É o melhor que temos presenciado no genero, desde o desfilar dos andores até á marcha fúnebre, ao ponto de nos parecer ainda muito superior á verdadeira.





## HISTORIA D'UM ALBERGUE



Eis um pobre, um triste Albergue  
Que, de sucia com fadistas,  
Nem de leve os olhos ergue  
P'ra mais altas e amplas vistas.



Mas um dia a sorte apanha,  
Do pobre finda o celicio,  
Sae-lhe a taluda de Hespanha  
N'um rendoso beneficio!



Salta, pula e de contente  
Deitam-lhe os olhos faiscas,  
Já não falla a toda a gente  
Já não vae ceiar ás iscas!...



Já de bagos não está falto,  
Despe a quinzena de briche,  
Vae de frak e chapéo alto  
Na tipoia p'ra Carriche!



Usa esporas e chicote,  
P'ra despesas 'stá nas malvas.  
Tem pileca, tem cocote,  
Falla a varios marialvas.



Tém cocheiro, trintanario,  
É frecheiro dos leilões,  
'stá, em summa millionario,  
— Outro Monteiro Milhões...



Tem palacio á Bella Vista,  
Tem na Baixa duas casas,  
E já passa p'lo fadista  
Como um gato sobre brazas...



Vel-o-heis inda em Lisboa,  
Correndo praças e montes,  
Feito ministro da c'rôa,  
— De braço dado co'o Fontes!...

PAN.